

UMA MISTAGOGA ALEXANDRINA E MOURA: BEATRIZ FÉTIZON

MARCOS FERREIRA SANTOS¹

*“Se lá subir quiseres, um ditoso
Espírito, melhor te será guia,
Quando eu deixar-te ao reino glorioso”*

Dante Alighieri²

“Verum ipsum factum”: só conhecemos de verdade o que fazemos à medida que o fazemos. Esta fórmula de *Giambattista Vico* (1668-1744), autor de *Scienza Nuova*, parece ser ainda mais válida quando nos debruçamos na tarefa de compreender a obra de um pensador. Ao deslindar seus textos, suas frases, seus interditos, suas imagens. No entanto, um agravante se coloca quando conhecemos pessoalmente este pensador. Vemos sua postura, contemplamos sua atitude, nos sentimos instigados no íntimo de seu filosofar que põe em causa a presença de todos nós.

A tarefa se torna mais difícil ainda quando também temos o privilégio de sermos agraciados com seu carinho e afeto. A saudade da feição amiga acompanha cada argumento kantianamente construído no texto. Podemos reconstruir na memória o seu sorriso maroto, o olhar por sobre os óculos, na tarefa socrática em que se põe a desconstruir nossas certezas ignaras para parturiar buscas. Tênues fios brancos prateados por muitas luas coroadando a reflexão. O semblante acumulando linhas do tempo. Lembro-me do melancólico marxista berlinense, Walter Benjamin (1892-1940), em um de seus escritos que já não localizo – cito-o de memória: *“nas rugas do ser amado, toda a vida e todo o tempo”*. E destes sulcos que o tempo crava, emerge o frescor de *“causos”* e a paixão pelo pensar, filosofar. Uma *philia* (paixão,

amizade) que ultrapassa a *sophia* (sabedoria), a incorpora, mas se dirige ao Outro. A tarefa filosófica, prontamente, se desdobra em *educar*. “Um ditoso espírito, melhor, te será guia”, diz o poeta Virgílio a Dante sobre Beatriz na epígrafe que furtamos à *Divina Comédia*, obra monumental do séc. XIV.

Haveria maneira outra de dizer sobre *Beatriz Alexandrina de Moura Fétizon*?

Não pretendo aqui avançar sobre a excelente investigação da Profa. Maria Cecília Sanchez Teixeira, amiga com quem tenho o privilégio de compartilhar a docência e investigação no CICE – *Centro de Estudos do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação*, na Faculdade de Educação da USP. De acertada forma, comprova o acerto da escolha e a pertinência de suas interpretações numa hermenêutica simbólica (*mythodológica*, para ser mais técnico em seu mitograma sobre Beatriz Fétizon). Ali, o leitor verificará que ela nos presenteia seu estudo com rigor epistemológico e vigor existencial. Dupla tarefa em período de mudança de ventos paradigmáticos...

Minha empreitada pretende apenas “brincar” com a etimologia como forma poética de compreender algumas facetas da pessoa. Dizia Bachelard que a etimologia é herdeira das perguntas infantis sobre a origem das coisas³. A própria *mythologia* em seus primeiros momentos foi confundida com a etimologia, parecendo ser que o *mytho* era resultado de uma patologia lingüística. Os étimos não são, ao contrário destas vertentes funcionalistas, origem de uma compreensão ilusória e patológica da realidade, mas cúmplices do poder da palavra na constituição do mundo. Nas grandes comunidades do livro: cristianismo (Bíblia), islão (Alcorão), hinduísmo (os Vedas), a palavra é o verbo que tudo cria, anima e revela.

O primeiro momento lúdico desta empreitada se debruça sobre o nome, *Alexandrina*. Além de poetisa de versos cujos

acentos tônicos recaem, geralmente, na sexta sílaba – ainda que, inconfessadamente, *versos alexandrinos*, seus poemas mais livres sugerem esta melodia e métrica disfarçadas. *Alexandrita*, de forma mais explícita nos informa sobre a pedra semi-preciosa de cor verde-esmeraldina. Aqui, então, os liames étimos começam a nos aclarar sentidos profundos. Não era, precisamente, a *tábua esmeraldina* de Hermes Trimegistro (“três vezes grande”), a pedra verde dos alquimistas, a *pedra filosofal* que possibilita a transmutação dos minérios impuros em ouro? A partir das sete operações alquímicas, obter a pureza dos elementos contida neles próprios, a denominada *Grande Obra, opus magnum*. Nossa pensadora, através de rigoroso pensar, ensaia sua grande obra: *educere*. Trazer à tona a *humanitas* potencial em cada um de nós⁴. Diz ela própria: “a **educação** é o processo e o mecanismo da construção da humanidade do indivíduo, ou da pessoa (como preferirem). Enquanto processo, a **educação** é pertença do indivíduo (ou da pessoa) – isto é, é o processo pelo qual, a partir de seu próprio equipamento pessoal (biofisiológico/psicológico), cada indivíduo se auto-constrói como homem. Enquanto mecanismo, a **educação** é pertença do grupo – é o recurso (ou o instrumento) que o grupo humano – e só ele – possui, para promover a autoconstrução de seus membros em humanidade (ou como homens).”⁵

Beatriz participa desta nobre estirpe de educadores/filósofos que não tem verdades prontas para o rápido consumo. Quilômetros de distância dos *fast-foods* epistemológicos, tenta partilhar conosco suas inquietações e a pedra filosofal das transmutações: *conhecer-se*. Tal como o mestre Sócrates, ela se empenha na tarefa racional de uma opção sagrada. A forma é lógico-argumentativa, mas a paixão pela tarefa, assim como no mestre adepto dos mistérios délficos, é o motor que impulsiona.

No entanto, devemos ainda nos ater a um outro elemento no étimo alexandrino. Como não reconhecer aqui a tentativa de

unificação de ocidente (helênico) e oriente na conquista do jovem Alexandre, o Grande (360 a.C.). Filho de Felipe, o qual lhe entrega à preceptoría de um escravo ilustre, o estagirita Aristóteles. Sob a devastação e pilhagem da invasão macedônica, sob o caos social, Alexandre, paradoxalmente, espalha o helenismo ao mundo. Helenismo aristotélico, diga-se de passagem⁶. Em sua cidade, *Alexandria*, a mais importante biblioteca do tardio mundo clássico. O primeiro Ptolomeu, do Egito, ali embalsamara o jovem de 32 anos que morrera vítima de febres adquiridas em Babilônia. Não seria esta cosmovisão que dialoga entre ocidente e oriente, o espírito de *finesse* de nossa pensadora? Não seria esclarecedora esta monumental biblioteca, em Alexandria, como matriz da organizada biblioteca particular em que se entrincheira nossa Alexandrina nas madrugadas de seu *studium*?

Este *studium* assume ares de seráfico templo, angelical retiro da reflexão, onde a profundização do pensamento engendra círculos e mais círculos na superfície do lago espelhante da inquietude. A penumbra do *studium* evoca tênue luz e cálida paixão. Dante, novamente, nos esclarece:

*Mas no mundo sensível me parece
Ser cada esfera tanto mais divina
Quanto mais longe do seu centro desce,*

*Se instruir-me o querer teu determina
Neste seráfico, estupendo templo,
Que só com luz e com amor confina?*

A abertura e disponibilidade para transitar pelos dois mundos, Ocidente e Oriente, a razão e a paixão, nos leva a perceber em Beatriz Fétizon as raízes hermesianas e psicopompas do segundo étimo de seu nome: *Moura*. Filha do português de origem, *Arnaldo Moura*, que registra em suas memórias: *“Descrever essas dificuldades é impossível, apenas quero lembrar que nesses primeiros dias de viagem houve duas noites.*

*alternadas, em que não consegui dormir, passando-as inteiras a pensar na forma de não voltar para São Paulo derrotado. E, graças a Deus, não voltei. Mas não foi fácil: foi uma odisséia. Atirei-me à luta com tal decisão que, tendo nascido a 27 desse mesmo mês de junho [1929], em Tietê, a minha primeira filha, quando eu pude ser avisado e chegar a casa, ela tinha dez dias de vida! Telefone não havia, correio muito deficiente, telégrafo idem.*¹⁸

Seu nascimento já marca, duplamente, o sentido mourisco do sobrenome. Primeiramente, por seu pai ser um caixeiro-viajante, habitante dos caminhos, andejo mercador a desbravar estradas e rincões desconhecidos. Não é essa a essência dos mouros que invadiram a península ibérica por três séculos (VIII a XI) e ali deitaram sementes que florescem ainda hoje no inconsciente latinoamericano, cultivadas, brotadas e espargidas na aventura castellana e portugalense? Um dos mais notáveis mouros criados na pena de Shakespeare, *Othelo*, protagonista da peça homônima, ilustra, curiosamente, outra característica de nossa filósofa: a de ter sido atriz de teatro e de televisão nos áureos tempos em que a televisão nos convidava a imaginar cores em seu poético branco e preto. Diz ela própria que “*Thornton Wilder [foi] minha estréia no teatro*”.

A lição do pai é mais profunda ainda que só o aspecto *mouro*. O nome do pai também sinaliza esta destinação prenhe no étimo: *Arnaldo*. Voltando ao português arcaico: *Arnaudo*, ou seja, aquele que está pronto para a odisséia ao mar com sua *nau*. Espécie de argonauta, como Jasão ou Orpheu, seu pai lhe sinaliza, silenciosamente, a busca do velocino de ouro. A pele do cordeiro. *In hoc signo vinces*.

Ela, prontamente, traduz isso na tarefa pedagógica: a tarefa não visa homogeneizar almas dóceis ou massas passivas: “*o mestre deve ser o timoneiro de uma nave que não deve carregar mercadoria morta, mas apenas uma tripulação de marinheiros capazes de navegar.*”¹⁹

Mas, também Beatriz, atriz, não se encontra à mourisca tricotando como o antropólogo-mor tupiniquim, mestre *Gilberto Freyre*, nos conta em *Casa Grande e Senzala*. Sua vocação de Penélope não se compraz no crochê, mas no tricotar conceitos, idéias, valores, argumentos. Os desfaz, cuidadosamente, para refazê-los com precisão, transparência e beleza. Ponto por ponto. À mourisca, nossa educadora moura lê e estuda, reflete e indaga, percebe as duplicidades e ambivalências do humano:

*“O bicho homem é um ser irremediavelmente partilhado entre dois mundos – o da natureza e o da história. Contudo, não é aquilo que nele é natural, que o torna humano. Ele só se torna humano no momento em que, numa medida qualquer, consegue escapar aos estritos limites da natureza; e só se exerce humanamente quando se exerce cultural ou historicamente.”*¹⁰

No cruzamento das ambivalências, no seio dos paradoxos, Beatriz Fétizon atualiza a Beatriz de Dante, naquele momento mágico, *hora bruja* diriam os espanhóis, do crepúsculo – tema que me é extremamente caro e que venho tentando elaborar desde minha tese de doutoramento:

*Quando aos dois gentis filhos de Latona,
Um por Áries coberto, outro por Libra,
A um tempo cinge do horizonte a zona,*

*(...) Tanto calou-se Beatriz, luzido
de riso tendo o rosto o olhos fitando
Nesse Ponto que os meus tinha vencido.*

*– “Teu desejo” – falou-me – “antecipando
agora não te inquirio; já o hei visto
No centro de todo o ubi e todo o quando.*

*Não para ter mais perfeição, pois isto
Fora impossível, mas porque fulgindo
O seu splendor dizer pudesse, – Existo.”*¹¹

Neste momento fugaz e diáfano em que os astros co-habitam, o paradoxo existencial se sente pleno muito mais que perfeito: “*Existo*”. Nosso afro-descendente tradutor de Dante, José Pedro Xavier Pinheiro, nos observa de maneira pertinente que os filhos de Latona, Apolo (Sol) e Diana (Lua): “*Quanto tempo o sol e a lua, quando essas duas estrelas estão, o Sol perto de Áries no poente, e a Lua da Libra no oriente, encontrando-se simultaneamente no mesmo horizonte por poucos momentos, tanto tempo Beatriz ficou calada, fixando o Ponto luminoso, isto é, Deus.*” (nota do trad., p.340)

Co-habitam o mesmo horizonte em pontos opostos, Sol e Lua. Espaço e tempo que se imiscuem para que Beatriz, de Dante, possa deter-se no *Ponto* luminoso. Entre os pólos opostos, e ao mesmo tempo complementares, está o *Ponto*. Beatriz, Alexandrina Moura, em verso revive o momento peremptório, sem o saber, em consonância com Dante:

O sol está se pondo no horizonte.

Em toda a terra fica apenas uma sugestão de luz

Luz sem sol.

*É quase uma lembrança*¹²

O existir assume todo seu vigor nesta quase-lembrança, *imagem-lembrança* diria o mestre Bachelard, em que a luz se vê já sem o sol, uma sugestão de luz apenas, tênue. A paisagem crepuscular não é tão-somente um espetáculo. Sugere uma ação, nos diria, novamente, o velho mestre Bachelard. Sua aluna atenta às sutilezas do astuto e profundo mestre, nos confirmaria muitos anos mais tarde: “*agir não é ser empurrado pelas circunstâncias; agir é escolher, é decidir. E, de novo, escolher ou decidir não é amarrar-se à sorte ou ao azar; agir ou escolher supõe o exercício da liberdade (...). E a liberdade consiste na oposição da vontade às circunstâncias necessariamente dadas.*”¹³

Por ser muito mais que um panorama, o crepúsculo age como imagem transitiva, trajetiva, transitória que nos faz valorizar

cada segundo vivido como se o último fosse. Instala no âmago do ser, a urgência do viver, a fluidez do tempo incontrolável, mas que podemos narrar ao deixar a paixão se exprimir pelos olhos tolhendo o prestígio do próprio juízo ante a luz de Beatriz, de Dante – que nos adverte, docemente, *“o Paraíso não está só nos meus olhos”*:

*Como a delícia eterna, rebrilhando
direta em Beatriz, me extasiava
do gesto seu por um reflexo brando,*

*Com riso, de que a luz me subjugava,
– “Volve-te, escuta ainda; o Paraíso
não stá só nos meus olhos” – me falava.*

*Como a paixão, no seu dizer conciso
Pelos olhos se exprime, na alma enquanto
Tolhe o prestígio seu todo o juízo¹⁴*

O juízo de Beatriz Fétizon tem robustos pilares dos quais, igualmente, me nutro. Entre eles: Gilles Gaston Granger, Gaston Bachelard, seus mestres diretos. Mestres de Pensamento, entre outros em comum, como: *“Sócrates/Platão, Kant, Merleau-Ponty, Bachelard, Granger, Heidegger, Cassirer, Popper; e um pouco mais tarde, por Ricoeur, Gusdorf, Ortega y Gasset, Mondolfo (...) [em Literatura:] Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Dostoiévski, V. Hugo, Thomas Mann, Neruda, Benedetti”*. Provavelmente, aqui algumas ressonâncias nos possibilite um diálogo mais fecundo. E a fecundidade em Beatriz Fétizon tem as cores da *luz-sêmen*, luminosidade que se constitui em uma *“epifania de luz”*:¹⁵

*a longa mensagem de luz que o sol escoo
– cifrada no arabesco de sombras –
para o mundo interior dos eleitos¹⁶*

Seria coincidência, em se tratando de nossa moura e alexandrina filósofa, escrever sobre uma mensagem cifrada no “arabesco de sombras”? E o que decifraria este arabesco de sombras, senão a luz? Não qualquer luz, mas a luz interior. Escoando, portanto, *luz-sêmen* para o interior dos que foram cleitos; embora jorro, democraticamente, aberto a todos; não será fecundado em qualquer um. Luz que não cega, apenas abre sendas naquilo que denomino de *lumina profundis*.¹⁷ Dante nos vêm esclarecer novamente:

*Por similar-se ao efeito poderoso
Da sua voz e ao que Beatriz causava,
Quando assim disse em tom grave e donoso:*

*O que saber este homem precisava
Com voz não disse, e, se o cogita, o ignora:
De outra verdade com raiz se trava.*

*A auréo'a, dizei-lhe, em que se inflora
A substância, que é vossa eternamente,
Convosco há de existir, bem como agora.¹⁸*

Luz-sêmen que permanecerá sim. E que Beatriz Fétizon escancara na imagem vigorosa do verso: “*Virgens incautas, de pétalas abertas, beberam ao sol o ouro fecundante*”.¹⁹ A temática da *coincidentia oppositorum* alquímica (conciliação de contrários) se repete, de maneira luxuriosa. Sensualidade conceitual no gesto, antropologicamente, necessário: abertura. Nos acompanha, mais uma vez, Beatriz, de Dante:

*– “Por que tanto o meu gesto te enamora,
Que não contempas o jardim formoso,
Que aos doces raios de Jesus se enflora?*

*“Tem a Rosa, em que o Verbo milagroso
Carne se fez; os lírios tem, que ensinam
O bom caminho pelo odor mimoso.”*

*– Assim diz Beatriz. Pois me dominam
seus conselhos, aos transe se oferecem
Meus olhos, que ante a luz débeis se inclinam.*²⁰

Seria coincidência novamente? Deixemos os étimos e versos nos guiarem um pouco mais. Se os olhos débeis de Dante se inclinam à luz de Beatriz, nos inclinamos na cópula de luz e flor que o verso anuncia na mesma direção em que acompanhamos Beatriz Fétizon. O jardim formoso, mais que o gesto inebriante de Beatriz, nos ensina que o Verbo, milagroso, se fez carne na Rosa (alusão à Maria), os lírios tem a fecundação dos doces raios de Jesus e, ainda, ensinam o bom caminho do “*odor mimoso*” no qual podemos ouvir os Cantares de Salomão. Neste ciclo fecundante de luz-sêmen-verbo, Beatriz Fétizon, em outro verso emblemático, nos extasia:

*Nasci marcada de terra.
Brotei, decerto, na lama de chão fértil.
(...) Terra decomposta em terra,
Hei de brotar ainda na seiva das plantas.
Seiva, hei de beber ainda a luz que vivifica as folhas.
E decomposta em limo, recomeçarei –
Eternamente – meu ciclo de terra e sol.*²¹

Além dos aspectos já explorados no mitograma da Profa. Maria Cecília, verificamos que a imagem poderosa do verso se dá na transmutação dos quatro elementos (água, ar, terra e fogo) bachelardianos, por sua vez, tomados a Empédocles. Terra, lama, limo são elementos ctônicos e telúricos (relacionados à terra-mãe natureza). A seiva é água nutritiva impregnada de terra. O ato de brotar desafia o ar bem como as folhas. A luz que vivifica é o fogo-úmido da tríade luz-sêmen-verbo. E no ciclo de terra e sol, se recomeça. O filósofo sapateiro do séc. XVII, Jacob Böehme, nos lembra: “*Adão era o coração da Natureza e por isso seu espírito anímico também cooperou na formação da árvore da qual desejou*

*comer (...) Se Adão tivesse comido da árvore antes de a mulher ter sido formada dele, as coisas teriam sido muito piores.*²²

O fruto é resultado da seiva interligando a terra ao ar, percorrendo o tronco rugoso. As folhas são poros verdes bebendo a luz. Lama e limo são origem e destino desta *imago* arquetipal: a *árvore*. Daí, Adão, partícipe da origem ingerir o produto da seiva. Mas, um motor próprio avança o conhecimento e a comunhão possibilitados pelo que d'antes fora criado a partir da costela, Eva (Pandora), mesmo acarretando a “*queda*”: o amor. Diz Beatriz, de Dante:

*Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,
De lugar venho a que voltar desejo:
Amor conduz-me e faz-me instar contigo.*²³

A imagem cíclica e a transmutação dos quatro elementos são recorrentes nos textos de Beatriz Fétizon. Trata-se, precisamente, de uma estrutura antropológica dramática que mantém a tensão entre os quatro elementos como forma cíclica privilegiada. Em se tratando do ciclo vegetal em Deméter, fica evidente o ciclo do drama agrolunar: terra (semente), água (germinar), ar (brotar), fogo (epifania da luz na flor e murchar). Também não surpreende saber que Beatriz Fétizon fora aluna do mestre Bachelard, muito embora tenha tido o privilégio de contar com a sagacidade diurna do mestre na reflexão sobre a formação do novo espírito científico. Mas, a ressonância é muito mais profunda do que imaginamos. A paixão literária de Bachelard ultrapassa sua exegese e cultiva nos alunos mais atentos e, ao mesmo tempo, “*virgens incautas*”, silenciosamente deitando o “*ouro fecundante*”. Não basta o crivo intelectual, nem a reflexão totalizante, ou ainda, a racionalização geométrica que dispõe as coisas no espaço e assim, sobre eles, pode dominar:

*Geômetra, que o espírito crucia
Para o circ'lo medir, em vão procura
princípio, que ao seu fim mais conviria:*

*Assim eu ante a nova visão pura.
Ver anelara como a image' humana
Ao círculo se adapta e ali perdura.*

*(...) À fantasia aqui valor fenece;
Mas a vontade minha a idéias belas,
Qual roda, que ao motor pronta obedece,
Volvia o Amor, que move sol e estrelas.²⁴*

Sentimento primaz, é o amor que conforma a trajetória desta Grande-Mãe, como revela o estudo mitogramático da Profa. Maria Cecília. Outra aproximação que elucida a vinculação de Beatriz Fétizon com esta Grande Mãe, no caso do panteão hindu é *Brahma*, o criador, cuja grande mãe-esposa é *Sarasvati*, aquela que permanece acima dos mundos e serve de união entre a criação e o mistério sempre oculto do Supremo. Representada por uma bela mulher com quatro braços é o próprio *Verbo* divino. Em uma das mãos segura uma *flor de lótus* para o esposo, com a outra um *livro*, com outra um *rosário* e, na última, uma *tabla* (tamborilete). Deusa da música, da ciência e da sabedoria, é também quem inventou o sânscrito. Chamam-lhe também Gayatri.²⁵ Não é uma homologia perfeita com Beatriz Fétizon? Seus atributos: a flor de lótus (o drama vegetal) para o esposo, o livro (sabedoria), o rosário (a fé) e a tabla (a música, *harmonium mundi*), não retratam características de nossa educadora?

*Gayatri*²⁶ como traço de união entre a criação e o mistério, é ela própria *mistagoga*: condutora para o mistério. Outro dado mythológico interessante é que Sarasvati e Brahma concebem *Manu*: “filho de Brahma e pai dos homens (...) a palavra *Manu* (propriamente “pensador”) encontra-se como epíteto de Agni e de Soma”.²⁷

Agni é o deus do fogo (origem de Hefestos) e *Soma* é o “preparado alcoólico que os indianos votados ao culto védico vertem sobre o fogo nascente do sacrifício para ajudar a arder, (...) é o licor da imortalidade, espécie de ambrosia dos deuses olímpicos”²⁸ E aí temos novamente os elementos essenciais com a idéia da Sabedoria e da iniciação pedagógica no engendramento de mestrias, sob o atributo da *luz-sêmen-verbo*, ou ainda, do *fogo-úmido*. Dante nos exemplifica, sincronicamente, em outro canto:

*Alma, criada para amar ardente,
A tudo corre, que lhe dá contento,
Se despertada ao prazer se sente.*

*Do que é real o vosso entendimento
Colhe imagens que em modo tal desprega
Que alma pra elas sente atraimento.*

*Se alma, enlevada, ao seu pendor se entrega,
Esse efeito é amor, própria natura,
Em que o prazer novo liame emprega.*²⁹

O amor é a própria *natura* que impulsiona o desejo de retornar à terra em Beatriz Fétizon. Mas, isto é apenas uma parte do seu ciclo, o qual possui os elementos todos condensados: retornar à terra (terra) como esquema de descenso (ar), dissolvendo-se (água) e brotar (ar). A luz e o calor do Sol (fogo) tudo transmuta. Por isso, a imagem é poderosa. Coisa de jardineiro...

Se o poeta Dante é conduzido pelo poeta latino Virgílio ao Inferno e ao Purgatório, a pedido de Beatriz que, encontrando-o no purgatório o re-conduz ao Paraíso; ali ela retorna ao seu lugar. Acompanha-o neste último momento, São Bernardo, o *seráfico*, importante continuador e propagador da atitude franciscana:

*Em vez de Beatriz, um velho eu via.
(...) – “E Beatriz?” – exclamo eu de repente.
Tornou: – “Baixar me fez do meu assento
Por contentar o teu desejo ardente.*

*“Verás, do cimo ao circ’lo tércio atento,
Beatriz nesse trono colocada,
Que lhe há dado imortal merecimento.”³⁰*

Imortal merecimento é o quinhão que Fétizon fez por merecer em sua trajetória existencial, filosófica e como educadora. Mas, àquilo que escapa ao discernimento do intelecto pela comunicação das palavras, só a comunhão do espírito compete refinar a sensibilidade. *“Ouve-se mais nas palavras do que se vê nas coisas”*, nos adverte o mestre Bachelard.³¹ Da *lucerná oratio* (fala guiadora) à *lumina profundis* (olhar profundo), há um trajeto pedagógico para o qual só os eleitos podem nos auxiliar numa fase do caminho, por isso diz muito bem Jacob Böehme, que *“a verdadeira porta do secreto mistério de Deus, o leitor deve conceber que não seria possível um homem saber e conhecer estas coisas, se a Aurora não tivesse despontado no centro da alma; pois trata-se de mistérios divinos que homem algum seria capaz de perscrutar com sua própria razão.”*³² Este *misterium magnum* não pode ser desvelado pela razão. Conhecimento crepuscular, diria Gilbert Durand,³³ lembrando a *cognitio matutina* em Santo Agostinho. Portanto, assim como Berdyaev, só podemos contar com a ajuda da razão para *“profundizar o mistério”*.³⁴ Daí em diante, o *ubi* (o espaço) e o *quando* (o tempo) em que o mistério seja participado é obra da revelação.

Mesmo aqui, Beatriz Fétizon se reafirma como *mistagoga*.

Se chegamos aqui acompanhados da etimologia, no afã filológico que sempre espreita a arqueologia do pensamento, a escatologia impõe, com seu pulso enérgico sobre a mesa, o tempo findo. Beatriz, então, tal qual a dantesca, se revela a matriz da

beatitude: felicidade celeste dos bem-aventurados, de quem se absorve em contemplações místicas. Beatitude, então, é a atitude matriz de Beatriz. A outra face de nossa filósofa educadora descortina um sorriso, franciscanamente, generoso. Mistagoga, a bengala a auxilia a ir, religiosamente, às baladas do sino da missa, adentrar o seu próprio templo na amada cidade de Tietê. Exemplo doce de que entre a razão e a experiência sagrada não existe, necessariamente, uma cisão. Não haveria um “*disquarto*” (desmembramento) do espírito, diria Giordano Bruno.³⁵ No caso de Beatriz, se complementam.

E sobre a etimologia de Fétizon? A primeira sílaba tudo diz.

Depois, é preciso silêncio.

“Kaun hai mere mandir me?”

Dwar khule sab apne ap

Dip jale sab apne ap

Andhera kale panchhi saman

Dur ure dur ure

(Quem está no meu templo?)

Todas as portas estão abertas e todas as luzes se acendem.

Como ave escura, as trevas voam para longe, voam para longe)”

Rabindranath Tagore &

Paramahansa Yogananda³⁶

Notas e Referências Bibliográficas

1. Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; pesquisador e docente do CICE – Centro de Estudos do Imaginário, Culturálise de Grupos e Educação, vinculado ao CRI-GRECO/CNRS/France.
2. ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia*. Inferno, Canto I. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo, Edigraf, 1958. p.11
3. BACHELARD, G. *O Direito de Sonhar*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.
4. “*a escola deve preparar em cada indivíduo o homem, formar seu intelecto e sua vontade, tornar atuante essa humanitas que se acha em estado potencial em cada um*”. MONDOLFO, R. *Problemas de Cultura e de Educação*. São Paulo, Mestre Jou, 1967. p.103

5. *Uma Educação para o século XXI.*
6. "No domínio da ação, Alexandre foi tão fabuloso quanto seu preceptor no do pensamento (...) A conquista de Alexandre abarcava assim duas sociedades a ponto de querer confundí-las, e num leito de ouro, em Babilônia, o triunfador, vestido com a roupa dos medos, declamava versos de Eurípedes." RIBARD, A. *A Prodigiosa História da Humanidade*. Rio de Janeiro, Zahar, tomo I, 1964, p. 141 e 143
7. ALIGHIERI, D. op. cit., Paraíso, Canto XXVIII, p. 337
8. MOURA, A. *Memórias de um Caixeiro-Viajante (1929-1940)*. São Paulo, Pax Edições, 1993. p. 6-7
9. MONDOLFO, R. op. cit., p. 104
10. *Uma Educação para o século XXI.*
11. ALIGHIERI, D. op. cit., Paraíso, Canto XXIX, p. 339
12. "Propriedades secundárias".
13. *Uma Educação para o século XXI.*
14. ALIGHIERI, D. op. cit., Paraíso, Canto XVIII, p. 309
15. BACHELARD, G. op. cit.
16. *Predestinação (Eleita eu sou?)*.
17. FERREIRA SANTOS, M. *Ursprungsklärung: Arte & Pessoa na Comunicação das Culturas*. São Paulo, Seminário de Comunicação e Educação, FEUSP/ Universidade Anhembi Morumbi, 2001.
18. ALIGHIERI, D. op. cit., Paraíso, Canto XIV, p. 297
19. *Jardim Dionisíaco*.
20. ALIGHIERI, D. op. cit., Paraíso, Canto XXIII, p. 323
21. *Círculo Vicioso*.
22. BÖEHME, J. *Aurora Nascente* (1612). Trad. Américo Sommerman. São Paulo, Paulus, 1998, p. 268
23. ALIGHIERI, D. op. cit., Inferno, Canto II, p. 15
24. Ibid. Paraíso, Canto XXXIII, p. 350
25. FERREIRA SANTOS, M. *Práticas Crepusculares: Mytho, Ciência e Educação no Instituto Butantan – um estudo de caso em Antropologia Filosófica*. São Paulo, FEUSP, tese de doutoramento, 2 vols., ilustr. 1998, p. 144-5
26. *Gayatri* é também o nome da personagem retratada por Mircea Eliade em seu romance *La Nuit Bengali*, Paris, Gallimard, col. La Méridienne, 1950; até então enamorada pelo poeta *Rabindranath Tagore* (muito mais velho que ela) com quem trocava correspondência. Ela se apaixona por um ocidental e, por quebrar o *dharma*, enfrenta penosas consequências. Adaptado ao cinema em *Noites de Bengali*, Nicolas Klotz, Índia/Inglaterra, 1988. Beatriz Fétizon, de maneira muito sincrônica e sem saber destas "coincidências", escreve sobre os pensadores que mais lhe influenciaram: "Não havia pensado nisso, mas Tagore deve ter tido seu peso também."
27. SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia*. São Paulo, Cultrix, 1973. p. 135
28. Ibid. p. 141

29. ALIGHIERI, D. op. cit., Purgatório, Canto XVIII, p. 215
30. Ibid. Paraíso, Canto XXXI, p. 345
31. BACHELARD, G. op. cit., p. 150
32. BÖEHME, J. op. cit., p. 426
33. DURAND, G. *A Fé do Sapateiro*. Brasília, Editora da UnB, 1995.
34. BERDYAEV, N. A. *Cinq Meditations sur l'Existence*. Paris, Fernand Aubier, Editions Montaigne, 1936; FERREIRA SANTOS, M. *Theanthropos: O Sagrado Humano e o Humano Sagrado*. In: Votre, Mourão, Costa & Teves (Org). *Imaginário e Representações Sociais em Educação Física, Lazer e Esportes*. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 2001.
35. MONDOLFO, R. op. cit., p. 112
36. TAGORE, R. & YOGANANDA, P. *Cosmic Chants of Paramahansa Yogananda*. Los Angeles, Self-Realization Fellowship, 1990.

SOMBRA E LUZ

o tempo habitado

Beatriz Ferraz